

2 Introdução

A relação entre o sentimento estético do *sublime* e a *moralidade*, presente na terceira *crítica* de Kant, na *Crítica da faculdade do juízo*, sempre nos pareceu um problema. Primeiramente porque, se estamos justificados a admitir que o ajuizamento estético, tal como estabelecido por Kant nessa *crítica*, alcança sua autonomia com relação ao juízo teórico, por um lado, e ao juízo moral, por outro, uma vez que ele não se funda sobre um conceito do entendimento, nem no interesse prático da razão, como entender, ainda assim, a autonomia do ajuizamento estético - aqui, de modo especial, o sublime -, como tendo uma relação com a moralidade, sem fazer com que o domínio do estético ultrapasse o seu âmbito próprio (o do sentimento estético) e, desse modo, se enverede nas sendas que dizem respeito à vontade ou à razão prática, perdendo, por conseguinte, sua autonomia própria? Por outro lado, podemos ainda destacar a seguinte questão: como compreender o sentimento do sublime, supervalorizando a sua dimensão puramente estética se não ao preço de um ceticismo moral?⁶ Ou, mesmo, como conceder apenas uma analogia entre o sentimento estético do sublime e o sentimento moral e, ainda assim, poder vislumbrar toda a riqueza das relações entre as diferentes faculdades num todo sistemático que tem por fim último a realização do que é prático?⁷

⁶ Posição supostamente mais próxima da estética contemporânea por se apropriar do sublime kantiano em sua dimensão puramente estética, ignorando a sua íntima relação com a moralidade. Questão levantada pelo Prof. Guido de Almeida no seu texto “Sobre a especificidade e autonomia do estético em Kant”. (O Texto citado não possui maiores referências por de ter sido uma palestra dada pelo autor no congresso da ANPOF da qual não temos maiores informações), Pág. 21.

⁷ Para Henry Allison, o sentimento do sublime é somente estético, sendo meramente análogo ao sentimento moral. (ALLISON, Henry. *Kant's Theory of taste: A reading of the Critique of Aesthetic Judgment*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001, pp. 324/341). Contrariamente a essa interpretação, situam-se as de célebres comentadores do sublime kantiano, como Paul Crowter, que afirma que Kant “reduz o sublime a um tipo de experiência moral indireta” (CROWTER, P. *The Kantian Sublime: From Morality to Art*. New York: Oxford University Press, 2002, p. 166) e Eva Schaper, ao afirmar que “muitos dos argumentos de Kant [argumentos estéticos] deixam-se ler como argumentos morais disfarçados”. (SCHAPER, E. “Gosto, sublimidade e gênio: A estética da natureza e da arte”. In: *Kant*. Paul Guyer (org). SP: Idéias & Letras, 2009. p. 459). A interpretação seguida no presente trabalho pretende se situar a meio caminho dessas importantes abordagens do sublime, não se confundindo, contudo, com nenhuma

Ainda que o ajuizamento do sublime seja colocado ao lado do ajuizamento do belo como um juízo estético, ele teria uma relação com o sentimento moral, o *sentimento de respeito*. Kant relaciona o ajuizamento do sublime com o sentimento moral e não apenas com o sentimento de desprazer e prazer.⁸ Segundo a nossa leitura, e relacionando-a com o modo como Kant apresenta o sentimento moral tanto na *Fundamentação da metafísica dos costumes*⁹ como na *Crítica da razão prática*¹⁰, somos levados a acreditar que haveria uma relação muito maior entre o domínio do estético e o da moralidade do que poderíamos supor. E, até mesmo, se nos restringirmos à “Analítica do sublime”, fica, ainda assim, evidente, que o juízo estético do sublime está intimamente relacionado com a moralidade. No entanto, é importante tornarmos mais claro o conceito do sentimento moral, exatamente para termos elementos suficientes em função dos quais possamos relacioná-lo com o ajuizamento do sublime; pois, na “Analítica do sublime” da terceira *Crítica*, apesar de citar inúmeras vezes o sentimento moral, Kant não explicita de um modo claro qual seria propriamente o grau de relação entre esse sentimento e o sentimento estético, ficando assim aberta a questão se esse é simplesmente “análogo” ou “idêntico” ao sentimento moral.

A partir de uma análise que aproximaria esses dois conceitos, defendemos uma posição intermediária entre aquelas duas posições citadas mais acima. Em virtude de o ajuizamento do sublime ter como pressuposto necessário a predisposição ao sentimento para as ideias da razão, ou o próprio “sentimento moral”, como afirma Kant, não seria inteiramente adequado afirmar ser essa relação entre estética (sublime) e moralidade simplesmente de analogia. Ora, uma analogia diz respeito às relações idênticas entre coisas diferentes, e no

das duas, apesar de, ao logo da argumentação, parecer estarmos mais próximos ora de uma, ora de outra. Nossa interpretação se aproxima antes da leitura feita pelo professor Leonel Ribeiro dos Santos, que através do conceito de “solidariedade” entre sentimento moral e sentimento estético, nos forneceu ricos elementos na leitura do sublime kantiano. (RIBEIRO DOS SANTOS, L. “La vivencia de lo sublime y la experiencia moral em Kant”. In: *Anales del seminario de historia de la filosofia*, 9, 115-126; editorial complutense, Madrid, 1992. p.: 115.)

⁸ *CFJ*, B 112/116/117/120.

⁹ KANT, Immanuel. *Fundamentação da metafísica dos costumes*. Tradução de Guido Antônio de Almeida. 1º Edição bilíngue. São Paulo: Discurso Editorial, 2009. As referências às citações de Kant serão dadas a partir da tradução acima citada, por meio de abreviação do título da obra, *FMC* neste caso, seguida do número de página da primeira edição (marcada pelas iniciais Ak) da *Akademie*, conforme reproduzidas no corpo do texto dessa tradução. Ex. *FMC*, Ak 401.

¹⁰ KANT, Immanuel. *Crítica da razão prática*. Tradução de Valério Rohden. 1º Edição bilíngue. São Paulo: Martins Fontes, 2003. As referências às citações de Kant serão dadas a partir da tradução acima citada, por meio de abreviação do título da obra, *CRPr* neste caso, seguida do número de página da primeira edição original alemã de 1788, edição (marcada pela inicial A), conforme reproduzidas no início de cada página do original alemão. Ex. *CRPr*, A 4.

ajuizamento do sublime há a predisposição do sentimento com relação às ideias da razão, que são práticas. Isso significa que o ajuizamento do sublime depende em certa medida da moralidade, o que não acontece na analogia em que uma é inteiramente independente da outra. A predisposição ao sentimento para as ideias da razão é comum tanto ao juízo estético do sublime quanto àquele juízo da moralidade mediante o sentimento de respeito, de modo a não serem apenas análogos.¹¹ Por outro lado, também não seria inteiramente adequado afirmar a identidade entre o sentimento do sublime e o sentimento moral, exatamente em virtude de ser aquele um juízo reflexivo-estético, o que significa que não está fundamentado em nenhum conceito prático determinado da razão. Por tudo isso é que temos elementos necessários para afirmar a existência de uma íntima imbricação entre a estética do sublime e a moralidade, sem, contudo, se identificarem.

A ideia norteadora dessa dissertação é relacionar a *experiência do sublime* com o *sentimento moral*. Nossa interpretação consiste em chamar a atenção para o fato de que Kant, ao relacionar estética e moralidade na *Crítica da faculdade do juízo*, pôde aproximar o sensível do suprassensível, apontando, mesmo que indiretamente, para o primado do prático, sem que, contudo, isso se desse ao preço de uma perda do caráter da autonomia do juízo estético de reflexão que consiste em sua independência de conceitos determinados. Ao contrário, argumentaremos que, a autonomia do juízo estético, que consiste na liberdade da imaginação e no prazer desinteressado, se completa na medida em que a faculdade sensível, a imaginação, pode colaborar com a razão em virtude de, por meio de seu esforço e fracasso na compreensão da “totalidade absoluta”, fazer com que o ânimo sinta a inteira **vocação suprassensível** do mesmo, ou seja, a autêntica liberdade humana no seu chamado à moralidade.

Nossos objetivos com a presente dissertação são, fundamentalmente, esclarecer a relação entre o ajuizamento estético do sublime e o sentimento moral presentes na *Crítica da faculdade do juízo*. Em função disso, nosso percurso será o seguinte: (1) Apresentaremos brevemente, no quadro geral da filosofia transcendental da *Crítica da razão pura*, as distinções estabelecidas pelo “Idealismo transcendental” entre fenômenos e coisa - em -si, enfatizando,

¹¹ Para Kant, uma analogia “significa uma perfeita similaridade entre duas coisas muito dessemelhantes.” *Prolegômenos*, §58.

sobretudo, o conceito do incondicionado *suprassensível*, importante para o presente estudo na medida em que será a partir desse conceito que Kant irá estabelecer uma relação, na *Crítica da faculdade do juízo*, entre os domínios do conceito de natureza e o conceito de liberdade. (2) Mostraremos ainda, no quadro geral da filosofia kantiana, como as ideias da razão pura, liberadas pela crítica da ilusão transcendental, dão origem aos princípios regulativos, que, por sua vez, estarão na base do juízo reflexionante estético do sublime. (3) Faremos, antes de tratarmos do sublime na *Crítica da faculdade do juízo*, uma breve incursão à *Crítica da razão prática e à Fundamentação da metafísica dos costumes*, obras nas quais Kant apresenta os conceitos de liberdade, moralidade e sentimento moral. Ao fazer isso, procuraremos estabelecer o vínculo entre sentimento moral e sublimidade já a partir da segunda *Crítica*. (4) Procuraremos, já na *Crítica da faculdade do juízo*, apresentar a relação existente no juízo reflexionante estético entre o princípio de finalidade e o sentimento de prazer e desprazer, característicos da experiência estética. (5) Analisaremos, por último, os elementos componentes do ajuizamento estético do sublime em sua dupla manifestação: matemático e dinâmico, explicitando de que modo o sentimento do sublime relaciona-se com o sentimento moral e as ideias da razão. De posse desses elementos, mostraremos em que medida a reflexão estética pode colaborar com os fins da moralidade, ou de que maneira a partir da experiência do sublime somos levados a pensar nas relações entre sensível e não sensível a partir de uma perspectiva de colaboração entre as faculdades, mas com vistas ao fim último supremo (moral) da razão.